

formosa aparência juvenil, que lembrava a duma menina. As delicadas feições dum rosto que tinha o fino brilho duma rosa eram emolduradas em cabelos louros que tombavam em abundantes anéis. Sob a fronte baixa, porém de belo desenho, e duma alvura de marfim, olhos azues escuros encaram com severa seriedade. Ter-se-ia pensado vêr ante si Ifigênia, a sacerdotiza virgem de Tauris, se não fôsse a expressão daqueles olhos por demais dura e rija e o vinco por demais sinistro entre as sobrancelhas. O traje escolhido com bom gosto, denunciava um moço de boa família, cuidadoso de seu exterior. Produzia apenas uma impressão exquisita, a gravata alta alcançando até em baixo do queixo e a gravidade tesa do corpo esbelto. Quando virava a cabeça, o corpo inteiro acompanhava o movimento. Rígido como a aparência do homem, o tom de sua oração era duma frieza solene e empertigada; quando começou a falar, tinha-se a sensação de que um sopro gelado se derramara sobre a assembléa.

Esse moço pleiteia a morte do rei, com uma lógica perfeita. Pela mesma ocasião, expõe também as "instituições" do Estado ideal, que deve ser constituído no fim da era do Terror. "Até cinco anos de idade, os filhos pertencem à mãe" lemos numa dessas instituições — "daí por diante e até a morte, pertencem à República. As crianças serão educadas no amor do silêncio e no desprezo da grandiloquência. Ser-lhes-á ensinado o laconismo".

Atrás dêsse moço grave que quer substituir tudo o que é vida pela razão e por regulamentos, encontramos Robespierre, seu senhor e mestre, cuja frieza e dureza insensíveis alcançam proporções fantásticas em harmonia com seu rosto magro, sua tez biliosa e suas maneiras secas. "Seu tom era dogmático e ditatorial", diz d'ele Thiabaudeau, "seu riso, violento e sardônico". Tôdas as descrições conservadas sobre a aparência de Robespierre, são unânimes em salientar a inexpressiva falta de vida, a tensão constante da fronte, da bôca e de todos os músculos da face. Usa pó de arroz, o que, naquele tempo, já não estava na moda. Assestados ante seus pequenos olhos esverdeados e doentes, usa óculos que, naquela face empoada e biliosa, com seus vidros cintilantes, fitam, hipnôticamente, os ouvintes. Tudo isso realça ainda mais a rigidez da máscara daquelas feições inalteráveis. Se, por acaso, Robespierre esforça-se por sorrir, seu rosto contorce-se numa carranca que assusta em vez de alegrar.

A estatura de boneca dêsse homem não é menos sinistra do que a máscara do rosto, — com seu mediano vulto, anguloso nos trajés pedantescamente apurados, jaqueta de côr azul violeta com bofes brancos, calças de nanquim claro, meias brancas compridas. Se está em pé, seu corpo parece um manequim. Quando se move, quando atira a cabeça para trás, quando mexe os braços ou as pernas, sempre seus gestos lembram os duma boneca articulada. De vez em quando, suas mãos, seus ombros e suas sobrancelhas são tomados por um estre-

mecimento convulsivo. Tem-se, então, a impressão de estarem a tremer os fios de arame com que sua figura parece ser movida. Todo o porte de Robespierre, desintegrado do mundo das formas vivas, desperta a impressão de que, por encanto, se haja nêle concretizado o sonho do homem-autômato.

Sem descontinuar, faz discursos, sem que nêles, no entanto, nada desperte imagens vivas. Observação alguma é pessoal e original. Impressão alguma que seja pura, clara e de primeira mão.

Sua voz esganiçada e monótona de mulher velha, com seu sotaque provincial e seu tom duro tem um som impessoal, desumano. E, quão sêco e afetado é o modo com que apresenta suas idéias: fraseologia guindada, prolixa e pedantesca!

Todavia, é entendido na arte de apelar para os instintos e as paixões desencadeadas das massas, tanto para seu ódio quanto para sua generosidade. Mas isso êle o faz sem aparentemente nuançar, por pouco que seja, sua mímica ou seu tom. Assim, tudo dá a impressão de ser afetado, fingido, artificial. Mesmo as locuções e as palavras que exprimem o ódio, a inveja ou um furioso ímpeto de vingança têm algo de frio, de artificialmente composto. Na sua bôca até a ameaça da guilhotina soa como uma metáfora; a condenação à morte faz o efeito de arabescos oratórios; a mais apaixonada frase parece construída segundo uma receita.

Sendo adversário do ateísmo, combatendo violentamente o culto da "Deusa da Razão" e, querendo introduzir de novo a crença numa divindade e na imortalidade, comporta-se como um possesso religioso perante os ateístas e seu porta-voz Hébert.

A-pesar-disso, êsse "Ser Supremo" cujo culto êle funda e ante cuja estátua de papelão celebra pessoalmente, na sua qualidade de pontífice, um ofício solene, não é menos ôco, artificial, abstrato e quimérico do que a "Deusa da Razão" proclamada pelos ateístas. Se êle se arvora em defensor da Fé e manda os hebertistas para a guilhotina, isso sucede também por mera questão de princípios porque está de acôrdo com as doutrinas de Rousseau e parece oportuno por motivos de tática revolucionária.

\*\*\*

Na personalidade de Robespierre, o desumano-abstrato alcança sua suprema perfeição. E' verdade que Saint Just também sabe mostrar uma cara sêca, sem alma. E' verdade que, nos seus discursos, ressoa êsse tom que bafeja o auditório "como um sopro glacial". Mas, previamente, essa dureza teve de violentar um delicado rosto de criança refulgindo em côres vivas, uma doce voz juvenil, predestinados pela natureza a serem belos, a agradar às mulheres, a amar